

Brasília, terça-feira, 21 de abril de 2009
 Editora: Clara Arreguy // claraarreguy.df@diariosassociados.com.br
 Subeditores: Mariana Ceratti, Rosualdo Rodrigues,
 Sérgio Maggio, Teresa Albuquerque e Teresa Mello
 cultura.df@diariosassociados.com.br
 3214 1178 • 3214 1179

**NO 49º ANIVERSÁRIO DA CIDADE, ELISA LUCINDA
 BRINDA BRASÍLIA COM POEMA INÉDITO FEITO
 DEPOIS DE NOITADA NO BEIRUTE**

SÉRGIO MAGGIO

Elisa Lucinda anda assim, enamorada por Brasília. Em 21 de abril de 2006, ela escreveu para o *Correio* poema em que se declara ao céu desta cidade. Agora, três anos depois de idas e vindas intensas, olha pela janela do hotel e inspira-se para presentear a capital com *Minha Sampa*, aqui estampada com exclusividade. A poesia será musicada por Ana Carolina e nasceu depois de uma noite no Beirute, onde ela contou na mesa do bar por que morre de amor por Brasília.

— Soube que uma deputada e admiradora gostaria de me conceder o título de cidadã candanga... A-dorei. Fui para o hotel, dei de cara com aquele céu maravilhoso da madrugada e, diante dele, escrevi de uma só tacada este poema-canção.

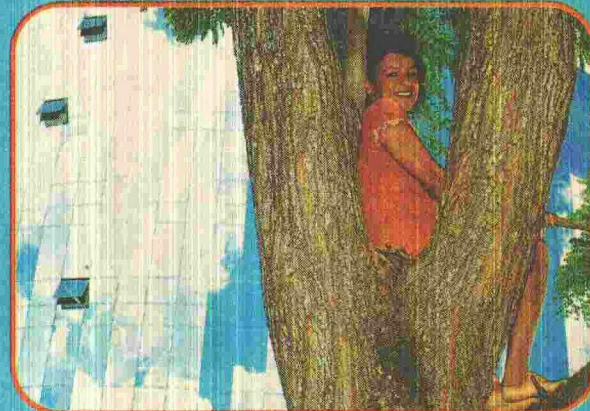
MINHA SAMPÁ

Ô cidade encantada cujo céu me atravessa,
 que mais pretendes me dar?
 que mais queres que eu te peça?
 Brasília, escuto teu onírico batimento
 namoro a tua gente.
 Quase tudo em ti de nós é amizade ou flerte,
 beijos, beirutes conversas, cartas, bilhetes,
 ideias, projetos, bauretes, banquetes.
 Anedotas, chacotas, lorotas,
 aquilo que germinas, aquilo que brotas e podes e podas,
 aquilo que crias, aquilo que mudas, aquilo que modas,
 teus índios pensamentos, unguentos, Chakora
 tua arte, teu Hugo rodas!
 Ô cidade encantada cujo céu me preserva,
 que mais de mim queres? Me peça.
 Que mais a ti direi? Me espera.
 Brasília, meu olhos são o verde teu, tua reserva.
 Cativo e cultivo tua gente que tanto me seduz,
 e todo nosso amor é orgânico, não conserva,
 é eterno e conduz.
 Superquadras, satélites, poderes,
 parlamentos, palavras, paladares, dizeres.
 Flores, cerrados, amanheceres.
 Tudo que frequento e que eu sempre penso:
 Pobrezas, contradições, riquezas,
 prêmios, surpresas, delicadezas, prazeres.
 Ô cidade danada,
 no tumulto da definição,
 escrevo sob o silêncio limpo de tua paisagem,
 no profundo modo de tu seres,
 e o que seriam meros versos
 são aqui e agora,
 pequenos agradeceres.
 Ô cidade encantada, cujo firmamento me pega pela mão,
 é bom saberes,
 te amo como uma namorada,
 te amo como se tu fosses meu varão.
 Então, que mais queres que eu te dê,
 aonde mais queres que eu a ti outra vez me declare, tesão?
 Aonde queres que eu te adule, cheire, mature, emoção?
 Hein? Responda em meus ouvidos,
 capital sensacional da nação?
 Candangos, matizes, chilikues,
 gente chique e simples de um certo sertão.
 Do jeito que estou e sou e vou,
 perdoo-te até pecados perdizes, enganos, deslizes.
 Olha pra mim, não sou só bonita, como tu dizes,
 sou dos honestos daqui, sou daqui então.
 Trago promessas e inícios,
 aceito nossos vícios
 pertencem às estrofes do Vinicius,
 quero dizer,
 sou da tribo da diplomacia coração;
 sou da cavalaria de Jorge,
 sou daqueles do porvir,
 dos que desprezam tua corrupção.
 Ô cidade encantada cujo céu me reveza na amplidão,
 te quero, não digo mais nada.
 Alguma coisa acontece no meu coração.

Elisa Lucinda

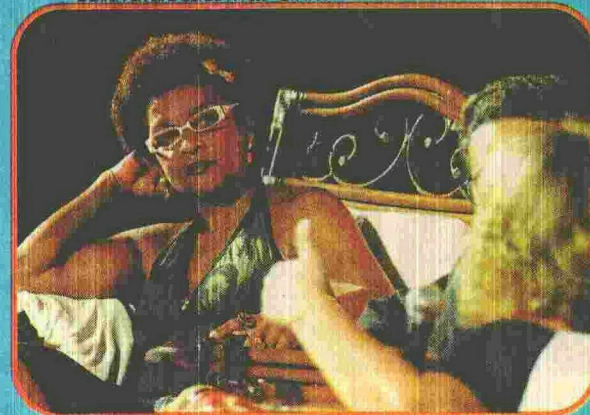
BSB, verão sem vento, 2009

Carlos Vieira/CB/DA Press - 3/4/06



ELISA LUCINDA ESPARRAMA-SE NAS ÁRVORES NA VISITA
 DE 2006: PRIMEIRO POEMA É ODE AO CÉU DE BRASÍLIA

Danil Ferreira/CB/DA Press - 29/1/09



EM JANEIRO DESTA ANO, ELISA PARTICIPOU DO PROJETO
 PALCO BRASÍLIA COM INÊS PEDROSA: NASCE NOVA POESIA

Breno Fortes/CB/DA Press - 15/4/09



NA SEMANA PASSADA, ELA VOLTOU À CIDADE PARA
 COMANDAR WORKSHOP DE POESIA FALADA

A

